

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA – LICENCIATURA**

Thais Natali Haag

**A CONSTRUÇÃO DE NOVOS OLHARES
SOBRE AS DIFERENTES RELAÇÕES
MOSTRADAS EM OBRAS DE
LITERATURA INFANTIL**

**Porto Alegre
2010**

Thais Natali Haag

**A CONSTRUÇÃO DE NOVOS OLHARES
SOBRE AS DIFERENTES RELAÇÕES
MOSTRADAS EM OBRAS DE
LITERATURA INFANTIL**

Trabalho de Conclusão apresentado como requisito parcial e obrigatório para conclusão do Curso de Graduação em Pedagogia – Licenciatura /Modalidade a Distância, na Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul / UFRGS.

**Orientador(a):
Prof^a. Ana Maria de Barros Petersen**

**Tutora:
Cátia Zílio**

Porto Alegre

2010

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Reitor: Prof. Carlos Alexandre Netto

Vice-Reitor: Prof. Rui Vicente Oppermann

Pró-Reitor de Graduação: Profa. Valquíria Linck Bassani

Diretor da Faculdade de Educação: Prof. Johannes Doll

**Coordenadoras do Curso de Graduação em Pedagogia –
Licenciatura na modalidade a distância/PEAD:** Profas. Rosane
Aragón de Nevado e Marie Jane Soares Carvalho

Para minha família e amigos, que me apoiaram e me incentivaram na escrita deste trabalho. Para Ana, minha orientadora, que me auxiliou em todos os momentos desta pesquisa.

RESUMO

O presente trabalho origina-se das experiências vivenciadas durante o Estágio de Docência do Curso de Graduação em Pedagogia – Licenciatura /Modalidade a Distância, na Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul / UFRGS realizado em 2010/1, com uma turma de segundo ano do Ensino Fundamental de uma escola pública do interior de Taquara-RS. Analisa o que dizem as crianças sobre as diferenças mostradas em obras da Literatura Infantil, bem como identifica como elas negociam os sentidos representados nessas histórias. Para a obtenção dos dados, foram realizadas três sessões de leitura interativa. Segue uma abordagem qualitativa, mais especificamente um estudo de caso de inspiração etnográfica, ancorando-se na perspectiva teórica dos Estudos Culturais em Educação, por considerar os livros de Literatura Infantil um artefato formador de subjetividades e indispensável na discussão sobre a diferença. A investigação enriquece tal discussão no espaço escolar, destacando o modo como as crianças recriam sentidos produzidos na cultura, assim como torna visíveis as dimensões através das quais a Literatura Infantil atua na reprodução e/ou modificação de determinadas representações.

Palavras-chave: Diferença – Identidade – Literatura Infantil – Pluralidade

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1: CAPA DO LIVRO BRANCA DE NEVE.....	20
FIGURA 2: CAPA DO LIVRO MENINA BONITA DO LAÇO DE FITA.....	22
FIGURA 3: CAPA DO LIVRO O SANDUÍCHE DA MARICOTA	26

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	8
1 CONTEXTUALIZANDO A PESQUISA	10
1.1 A escola	10
1.2 Conhecendo a turma do 2º Ano	11
1.3 A escolha do objeto de estudos.....	12
2 CONSTRUINDO A PESQUISA.....	15
2.1 Abordagem de pesquisa	15
3 IDENTIDADE E DIFERENÇA NA LITERATURA INFANTIL	17
3.1 O que dizem as crianças sobre as histórias contadas.....	19
3.2 A literatura infantil: suas origens, seu significado e relevância.....	29
4 CONCLUSÃO	33
REFERÊNCIAS	35

APRESENTAÇÃO

Este trabalho, de caráter monográfico, é requisito para a conclusão do curso de Curso de Graduação em Pedagogia – Licenciatura /Modalidade a Distância, na Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul / UFRGS, o mesmo origina-se das experiências vivenciadas durante o Estágio de Docência, realizado em 2010/1, com uma turma de segundo ano do Ensino Fundamental de uma escola pública de Taquara-RS. Tem por objetivo analisar o que dizem as crianças sobre as diferenças representadas em obras da Literatura Infantil, bem como a importância e o sentido que elas dão as histórias aqui representadas.

Para obtenção dos dados, foram realizadas três sessões de leitura interativa problematizando a temática da diferença e reflexão sobre as diversas identidades que se destacam nos contos e/ou histórias escolhidos como amostra. Para essas sessões, foram escolhidos e trabalhados três livros infantis: Branca de Neve, de Maria Heloísa Penteadó; Menina bonita do laço de fita, de Ana Maria Machado; O sanduíche da Maricota, de Avelino Guedes. O material de pesquisa coletado conta com a participação verbal das crianças e com trabalhos escritos realizados após as conversações.

Configura-se um trabalho de pesquisa de cunho qualitativo, mais especificamente de um estudo de caso de inspiração etnográfica, ancorando-se na perspectiva teórica dos Estudos Culturais em educação, por considerar os livros de Literatura Infantil um artefato formador de subjetividades e indispensável na discussão sobre a diferença, assunto muito discutido durante o estágio por ser uma turma bastante heterogênea acaba surgindo à discussão

de como eu me percebo e como o outro me vê, despertando assim sentimentos a serem trabalhos como, por exemplo, o respeito às diferenças. A investigação enriquece tal discussão no espaço escolar, destacando o modo como as crianças recriam sentidos produzidos na cultura, assim como torna visíveis as dimensões através das quais a Literatura Infantil atua na reprodução e/ou modificação de determinadas representações.

O trabalho foi organizado em quatro capítulos. No primeiro deles, contextualizo a escola pública e a turma na qual realizei o Estágio de Docência e a presente pesquisa, além de inserir as questões que me levaram à escolha do tema, o qual diz respeito à construção de novos olhares sobre as diferentes relações mostradas em obras de Literatura Infantil.

No segundo capítulo, reconstituo os passos da investigação: abordagem, aproximação com a temática, delimitação de referências teóricas, planejamento das sessões de leitura, sistematização dos dados, procedimentos de análise e escrita.

No terceiro capítulo, apresento um recorte sobre os Estudos Culturais e sobre a Literatura Infantil. Após essa introdução, realizo uma interpretação, dentre muitas possíveis, sobre o que as crianças dizem a respeito das diferentes relações mostradas em obras de Literatura Infantil.

O quarto capítulo encerra o estudo, apenas para fins de análise, apresentando as opiniões das crianças sobre as histórias lidas e discutidas, bem como os aspectos mais pulsantes da pesquisa, as influências deste momento na minha prática pedagógica, ou seja, os destaques que aqui significam as conclusões.

1 CONTEXTUALIZANDO A PESQUISA

No presente capítulo, contextualizo a escola pública e a turma na qual realizei o Estágio de Docência transcorrido no primeiro semestre de 2010, além das questões que me levaram à escolha do tema, o qual diz respeito as diferentes relações mostradas em obras de Literatura Infantil.

1.1 A escola

A escola¹ na qual realizei o estágio obrigatório e a presente pesquisa atende no seu corpo discente, aproximadamente cem alunos, da pré-escola ao 5º ano ensino Fundamental, nos turnos da manhã, das 07h30min às 11h30min e tarde das 13h às 17h. O corpo docente é formado por cinco professoras, sendo que uma atua no laboratório de informática e outra com hora atividade. A escola conta, também, com duas merendeiras, uma servente e a diretora, que sou eu. Não temos supervisora e nem coordenadora.

A maioria dos pais de nossas crianças trabalham em pedreiras e as mães são “donas de casas”. Muitos de nossos alunos acabam indo, turno inverso, para as pedreiras e gostam de ajudar os pais, neste serviço.

A estrutura física da escola é bastante adequada para atender nossos alunos. Temos três salas de aulas, uma biblioteca, onde funciona também a sala de recursos multifuncional que, no entanto, é bastante pequena para atender a todos os alunos, possuímos uma sala de informática, onde os alunos passam duas horas, por semana, trabalhando nos projetos de informática. Nossa escola precisa de uma reforma e ampliação, o que já nos foi prometido neste ano e estamos aguardando.

Um dos maiores problemas que enfrentamos na escola é a falta de comunicação, pois celulares não funcionam, por falta de antena, internet nem pensar, mesmo com discada ou 3 G, nada funciona e o telefone de linha ainda

é com central e está sempre estragado. É bem difícil conseguir ligação para a escola. O laboratório de informática está sempre em uso, pois quando os alunos não estão lá, ele é aberto à comunidade escolar para que pais e alunos possam, no turno inverso, trabalhar nos computadores.

Nossos recursos tecnológicos constam com um microscópio, Xérox, data show, retro projetor, dez computadores com impressora multifuncional e um notebook.

A escola trabalha com projetos. Dentre eles destacam-se “Cada conto, um encanto”, que tem como objetivo incentivar a leitura dos alunos e comunidade escolar, e o projeto do meio ambiente, que por ser uma escola rural, trabalhamos muito com a conscientização do meio ambiente. Através do uso correto do lixo e o cultivo da horta.

Todos estes projetos e o modo de aplicação ficam a cargo da competência de cada professor, por ser uma escola democrática e livre para todas as inovações, cada professor trabalha com suas concepções e o objetivo da direção é orientar estes professores nas escolhas dos conteúdos, procedimentos e formas de avaliar este processo.

É uma escola acolhedora e muito bem vista por toda a comunidade, a qual me proporcionou a oportunidade de buscar dados para execução deste trabalho.

1.2 Conhecendo a turma do 2º Ano

A turma do 2º ano é composta por doze alunos, onde seis são meninas e seis são meninos. A maioria dos alunos estão na faixa etária de sete anos, somente dois estão com oito anos, repetentes, e um está com onze anos, caso de inclusão, mas sem laudo ainda. Esta turma tem um nível sócio econômico um pouco mais favorável do que o restante da escola, mas a maioria é pobre.

¹ Por questões éticas os nomes da escola e das crianças serão mantidos em anonimato. No corpo do trabalho farei referencia aos alunos utilizando letras maiúsculas.

Muitos pais são abandonados intelectualmente e com poucas políticas públicas para atender e ajudar estas pessoas.

As características da turma são de alunos calmos, estudiosos, que gostam da escola e de aprender. Como toda turma há conflitos e desobediência. Tem um aluno que não faz nada se não ficar estimulando ele, outros que terminam tudo rápido e precisam ser ocupados mais.

Resumindo, posso dizer que temos dois alunos que são apáticos, com grande dificuldade para aprender (os dois repetentes), um aluno agressivo (com caso sério de abandono em casa), e o restante são calmos. Em questão da participação dos pais é bem delicado, pois os pais que mais se preocupam com os filhos são aqueles que trabalham muito e não tem tempo para ir à escola e aqueles pais que não trabalham, apenas aparecem na escola para reclamar de alguma coisa. Não há estímulo em casa pela leitura e demais estudos.

Mas, em geral, a turma mostrou-se participativa no decorrer da minha prática de estágio docente. Quando cheguei na turma todos já me conheciam e tentei seguir o trabalho da professora de classe que tem uma excelente didática com as crianças. Com o decorrer do trabalho elas demonstraram grande capacidade de reflexão, a cada tema que começássemos elas traziam muitos questionamentos, superando muitas expectativas na maioria das vezes, além de trazerem contribuições das suas vivências (fora da escola) para dentro da sala de aula, enriquecendo ainda mais as aprendizagens.

1.3 A escolha do objeto de estudos

Ao longo do estágio fomos estabelecendo uma relação de respeito e confiança, entre eu e meus alunos. A cada atividade proposta notava mais entusiasmo e cooperação. Eles caprichavam muito nos trabalhos e eu procurava incentivar suas produções. Dois aspectos que notei na turma é que eles muitas vezes se ofendiam com apelidos não respeitando as diferenças uns

dos outros e muitas vezes partiam para uma briga verbal onde um apelidava o outro e sempre um deles saía chorando.

Estes fatos aconteciam com frequência, embora muitas vezes quando questionados sobre o respeito ao outro e demais valores, eles falassem bem, mas na prática não era o que acontecia.

Outro aspecto importante a ser considerado na turma é a paixão por histórias. Notei que eles realmente gostavam de ouvir e contar diversas histórias. E sempre no final das mesmas eles participavam da problemática com muita clareza e, como já mencionei no capítulo anterior, com contribuições das suas vivências (fora da escola) para dentro da sala, enriquecendo ainda mais as aprendizagens.

Estes fatos foram norteando a minha pesquisa, assim como motivação fiz a seguinte pergunta para a turma: “*Quem de vocês tem um apelido do qual não gosta?*”, “*Quem de vocês gostaria de ser diferente?*” ou “*Como vocês gostariam de ser?*”. Algumas crianças levantaram a mão e cada uma relatou o seu apelido indesejável. Tais apelidos apareciam em vários momentos do dia: na sala de aula, no recreio, no refeitório, no transporte escolar, em fim, em praticamente todas as situações. A V. era chamada de gorda, porque estava um pouco acima do peso. A E. era chamada de piolhenta, mesmo não tendo piolhos, aparentemente, mas chamavam ela assim por ter cabelos crespos e volumosos. A N. ficava triste porque também a chamavam assim.

Após mostrei o livro *Encontros Com Tarcila* de Cecília Aranha e Rosane Acedo, onde eles puderam observar os principais quadros e a biografia de Tarcila do Amaral (1886-1973). Observaram o quadro “Operários”, e a realidade das pessoas que ela pintou, após construíram um mosaico sobre as diferentes etnias, cada aluno recortou de revistas e jornais pessoas de diversas culturas e colaram em uma cartolina todos os rostos encontrados, fazendo assim uma releitura da obra estudada.

Pedi para todos que observassem o quadro de Tarsila do Amaral e identificassem a relação que a artista faz com a formação do povo brasileiro e em seguida individualmente cada aluno montou o seu perfil “Como eu me

percebo”, oralmente, cada aluno falou para a turma como ele se percebe, olhando-se para um espelho.

Assim durante o exercício surgiram algumas falas interessantes; a V. disse: “Profe, eu me vejo gorda, e alta, porque sou a última da fila”; a T. disse: “sou baixinha, queria ser mais alta e ter cabelos lisos, e ser muito magra”; a N. disse: “queria ser mais alta, mais gordinha e ter cabelos cacheados”; a E. disse querer ser mais magra, mais alta, ter cabelos lisos e ser mais respeitada pelos meninos; a E. queria ter cabelos pretos, lisos, queria não ser tão magra.

A partir das experiências do estágio com livros que abordam as diferenças, bem como as diversas identidades, foi que cheguei às questões norteadoras da minha pesquisa, ou seja, *como as diferentes relações mostradas em obras de Literatura Infantil ajudam para a construção de novos olhares? Como as crianças se apropriam desses valores? Até que ponto elas favorecem, ou não, na construção desses valores culturais?*

2 CONSTRUINDO A PESQUISA

Neste capítulo apresento os percursos metodológicos que nortearam este estudo, reconstituindo, assim, os passos da investigação: abordagem, aproximação com a temática, delimitação de referenciais teóricos, planejamento das sessões de leitura, sistematização dos dados, procedimentos de análise e escrita.

2.1 Abordagem de pesquisa

Este trabalho caracterizou-se como uma pesquisa educacional de abordagem qualitativa de metodologia etnográfica, pois segundo André (1995), Max Weber contribuiu de forma importante para a configuração da perspectiva qualitativa de pesquisa ao destacar a compreensão como o objetivo que diferencia a ciência social das ciências físicas e naturais. Para Weber, o foco da investigação deve se centrar na compreensão dos significados atribuídos pelos sujeitos às suas ações. Para compreender esses significados é necessário colocá-los dentro de um contexto.

Conforme André (1995), em uma pesquisa de metodologia etnográfica, o pesquisador é o instrumento principal na coleta e na análise de dados, o que permite que ele responda ativamente às circunstâncias que o cercam, modificando técnicas de coleta, se necessário, revendo as questões que orientam a pesquisa, localizando novos sujeitos, revendo toda a metodologia ainda durante o desenrolar do trabalho. A pesquisa etnográfica permite, assim, um plano de trabalho aberto e flexível, em que os focos de investigação vão sendo constantemente revistos, as técnicas de coleta, reavaliadas, os instrumentos, reformulados e os fundamentos teóricos, repensados. Nesta

perspectiva, procurei desenvolver a seguinte pesquisa dentro das premissas de observação e interpretação do contexto escolar.

Com o foco estabelecido e os livros previamente selecionados, procurei adaptar então as histórias de acordo com a faixa etária de meus alunos, procurei também estabelecer intervenções para a leitura, mas tendo o cuidado de não fazer perguntas fechadas que direcionassem as respostas óbvias dos alunos, e sim que os levassem a reflexão. A cada história contada surgiam novos comentários que foram complementando os dados coletados inicialmente, e a partir desses dados que foram construídas análises sobre cada história trabalhada.

3 IDENTIDADE E DIFERENÇA NA LITERATURA INFANTIL

A presente pesquisa situa-se na perspectiva teórica dos Estudos Culturais em educação, a qual se preocupa com as diversas culturas que há no mundo e, também, analisa as diferenças existentes no interior de cada uma delas. Nas palavras de Costa, Silveira e Sommer (2003, p. 54), “os Estudos Culturais em Educação constituem uma ressignificação e/ou uma forma de abordagem do campo pedagógico em que questões como cultura, identidade, discurso e representação passam a ocupar, de forma articulada, o primeiro plano da cena pedagógica”. Segundo esses autores:

Entre nós, no Brasil, as contribuições mais importantes dos EC em educação parecem ser aquelas que têm possibilitado: a extensão das noções de educação, pedagogia e currículo para além dos muros da escola; a desnaturalização dos discursos de teorias e disciplinas instaladas no aparato escolar; a visibilidade de dispositivos disciplinares em ação na escola e fora dela; a ampliação e complexificação das discussões sobre identidade e diferença e sobre processos de subjetivação. Sobretudo, tais análises têm chamado a atenção para novos temas, problemas e questões que passam a ser de discussão no currículo e na pedagogia (idem, p. 56)

Dentro dessa perspectiva, as questões relacionadas à identidade e à diferença tornaram-se centrais nos últimos anos. Segundo Woodward (2000), o conceito de Identidade pode ser definido como uma interação entre o sujeito e a cultura, sendo que o sujeito é constantemente modificado através das significações, dos sentidos e dos valores que são transmitidos pelos sistemas simbólicos existentes. Apropriamo-nos desses significados, a ponto de os mesmos se tornarem “parte de nós”.

A referida autora argumenta que:

A representação inclui as práticas de significação e os sistemas simbólicos por meio dos quais os significados são produzidos, posicionando-nos como sujeito. É por meio dos significados produzidos pelas representações que damos sentido à experiência e àquilo que somos. Podemos inclusive sugerir que esses sistemas simbólicos tornam possível aquilo que somos e aquilo no qual podemos nos tornar. (WOODWARD, 2000, p. 17)

A cultura, então, ocupa posição central na formação das identidades, as quais são construídas social e historicamente e necessitam ser compreendidas como processo. Stuart Hall argumenta que as identidades não podem ser construídas fora da diferença.

As identidades são construídas por meio da diferença e não fora dela. Isso implica o reconhecimento radicalmente perturbador de que é apenas por meio da relação com o outro, da relação com aquilo que não é, com precisamente aquilo que falta, com aquilo que tem sido chamado de seu exterior constitutivo, que o significado “positivo” de qualquer termo – e, assim, sua identidade pode ser construída. (Hall, 2000, p.17)

A diferença costuma ter seu discurso sustentado pela exclusão. “Se eu sou branco, eu não sou negro”. Partindo do pressuposto de que os discursos culturais vão se construindo historicamente, e que a diferença é nomeada a partir de um determinado lugar como enuncia Silva (2000), quem poderá dizer que daqui a algum tempo certos padrões deixem de ser considerados como “verdadeiros” tornando-se “diferenças”? Woodward enuncia que:

A cultura molda a identidade ao dar sentido à experiência e ao tornar possível optar, entre as várias identidades possíveis, por um modo específico de subjetividade [...]. Somos constrangidos, entretanto, não apenas pela gama de possibilidades que a cultura oferece, isto é, pela variedade de representações simbólicas, mas também pelas relações sociais.

Partindo dos argumentos citados acima, podemos dizer que é dentro de histórias que as crianças muitas vezes acabam criando situações para desenvolver parte de sua identidade, já que a curiosidade intelectual mobiliza as ações das crianças desafiadas a problematizar e questionar caminhos diversos. Durante as histórias elas passam a questionar as ações ali contadas e exprimem suas ideias e vivências. São levadas a refletir sobre as diferenças, os estereótipos e as discriminações presentes em diferentes contextos.

Partindo das premissas que os livros de literatura infantil e as práticas de contextualizar as histórias contribuem para lutar contra as discriminações e os estereótipos, como os preconceitos ligados a gênero, etnia, classe social, aparência física. Aspectos esses tão presentes nas escolas e vivenciado durante meu estágio, pois a escola não está fora das relações sociais e pode reproduzir discriminações.

Por meio da literatura infantil podemos iniciar uma educação que não reforce nem veicule estereótipos e discriminações. Reforçando que nas últimas décadas, aumentou a preocupação em relação à formação da criança, com relação à importância de “conhecer” e aceitar o diferente. O diferente não é um equívoco, ou algo que devemos retirar das escolas, e sim algo a ser trabalhado, pois como já citei anteriormente em Hall, às identidades são construídas por meio da diferença e não fora dela.

Creio que é de extrema importância para o educador que ao trabalhar com literatura infantil, faça previamente um estudo sobre o artefato, pois ele precisa permitir aos alunos que tenham a oportunidade de criar infinitas possibilidades de sentidos e não a exclusão e julgamentos do que é certo ou errado.

3.1 O que dizem as crianças sobre as histórias contadas

Tendo os Estudos Culturais como referencial teórico, bem como conceitos a eles articulados, pretendo realizar uma interpretação, dentre muitas possíveis, sobre o que as crianças dizem sobre as diferenças presentes nos livros de literatura infantil – as três obras selecionadas – e as diversas relações que fazem sobre os aspectos culturais mostradas por elas.

Apresento aqui as análises a partir do que as crianças dizem e produzem através de escritas e desenhos sobre cada obra utilizada na pesquisa.

*BRANCA DE NEVE² – ESPELHO, ESPELHO MEU, SERÁ QUE EXISTE
ALGUÉM MAIS BELA DO QUE EU...*

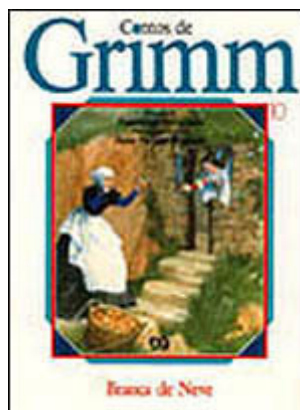


Figura 1: Capa do livro Branca de Neve

Para poder trabalhar o tema sobre “Diferenças e Semelhanças entre pessoas e os grupos sociais que convivem em coletividade”, com o objetivo de identificarmos os aspectos sociais, econômicos e culturais através de diferentes profissões, idades, sexos, origem, alimentação, vestimentas, habitação, higiene, saneamento básico e aproveitamento dos recursos naturais, decidi começar o projeto lendo um conto de fadas clássico, “Branca de Neve”, o qual muitos alunos já haviam ouvido falar, mas a curiosidade era enorme e todos queriam ouvir o conto como se fosse a primeira vez. O objetivo desse conto foi fazer uma relação do tempo e espaço através das transformações e diferenças do nosso corpo e o espaço onde vivemos.

Começamos fazendo uma rodinha da novidade para contar o final de semana, depois mostrei a sacolinha literária – uma sacola onde ficam os livros que os alunos levam para casa para ler com a família - e perguntei: Será o que têm dentro dela? Depois de muito debater sobre os diversos objetos que poderia ter na sacola, retirei o livro “Branca de Neve”. E fiz algumas indagações a fim de instigar o que às crianças sabiam sobre o tema a ser pesquisado. Durante a leitura fiz pausas para as perguntas sobre a história, o significado de

² sinopse: Conta a história de uma linda princesa chamada Branca de Neve, cuja beleza desabrochava dia a dia, causando inveja em sua madrasta, a rainha. Todos os dias, a rainha perguntava ao seu Espelho Mágico quem era a mulher mais bela do reino. Enquanto o espelho respondia que sua beleza reinava suprema, tudo corria bem. Até o dia, contudo, que o espelho respondeu à habitual pergunta com uma revelação: "Branca de Neve é a mais bela do reino", um fato que também já havia chamado a atenção de um atraente príncipe.

algumas palavras, as imagens, bem como para refletirmos sobre as possíveis interpretações que o livro nos traz. E depois de algum tempo voltamos para a leitura do livro. Segue abaixo alguns trechos dessas negociações de sentido da história. Neles aparecem as perguntas e as intervenções das crianças.

Professora: Quem gostaria de ser como a Branca de Neve?

Todas as meninas levantaram a mão.

Professora: Por quê?

V.: Ela é bonita.

N.: Ela é boazinha, e muito bonita.

E.: Ela é branquinha e boazinha.

Professora: Vocês a imaginam magra ou gorda?

Todas: Ela é magra.

Professora: Porque ela é magra e não gorda?

T.: Porque ela é bonita e gorda não é bonita.

V.: Todo mundo quer ser magra, branquinha e boazinha.

Professora: E quem gostaria de ser igual a madrasta?

Todas: Ninguém.

Professora: Por quê?

V.: Porque ela é má.

N: Ela é feia.

Professora: Será que ela é feia mesmo?

E.: Por dentro, o coração é feio, não pode ser só bonita por fora.

Quando partimos para as questões de quem e como é bonita, as crianças deram um verdadeiro exemplo de como somente as aparências não importam e sim como relata o livro de Diana Lichtenstein Corso e Mário Corso (2006, p.81):

Porém, para haver alguma existência individual, algo que possamos chamar de “eu”, é preciso que saibamos nos diferenciar, particularmente uma forma de ser. Tentar ser igual é uma forma de morte, de anulação, pois, se formos iguais a alguém, seremos essa pessoa, portanto não existirá aquela forma específica que nos identifica. (Lichtenstein e Corso, 2006, p.81)

Podemos perceber através das falas das crianças e do livro citado que o “eu” é que nos diferencia dos demais e que ninguém é igual a ninguém e que

precisamos respeitar as nossas diferenças. Como argumenta Lichtenstein e Corso (2006, p.81):

Outra fonte de informação a respeito de quem somos é a comparação: é sempre melhor se podemos ser julgados mais lindos, inteligentes ou interessantes que este ou aquele que consideramos digno de admiração, imitação ou desafeto. Em suma, queremos superar alguém que pelo direito ou pelo avesso, consideramos como parâmetro. Por isso, não basta o espelho responder que ela é bonita, ela tem de ser a mais bela de todas. (Lichtenstein e Corso, 2006, p.80)

Após a interpretação oral, fizemos um debate em dois grupos, um grupo defendeu a Branca de Neve dizendo por que ela agiu “certa” na história, argumentando seus pontos corretos, outro grupo falou porque ela agiu “errada”, argumentando os possíveis erros dela, e como fariam diferente. Assim os grupos refletiram sobre as atitudes do livro, mas sobre tudo, refletiram sobre suas próprias atitudes, trazendo exemplos significantes das amizades e atitudes que eles têm durante o tempo de estão na escola e até mesmo na convivência em sociedade. Conversamos sobre nossa identidade, trazendo o objetivo principal de trabalharmos os diferentes grupos sociais que convivem em coletividade.

Na sequência passamos um espelho na sala onde cada aluno se observou, analisando sua imagem, e depois cada aluno desenhou seu auto-retrato. Terminando este momento cada aluno falou sobre o seu auto-retrato observando que somos todos diferentes e especiais.

MENINA BONITA DO LAÇO DE FITA³, QUAL É O TEU SEGREDO PARA SER PRETINHA...

³ Sinopse: O livro Menina Bonita do Laço de fita conta a história de um coelhinho bem branquinho que faz de tudo para ficar pretinho como aquela menina do laço de fita que ele acha linda. Mas ele não sabe como a menina herdou aquela cor.



Figura 2: Capa do livro Menina bonita do laço de fita

Continuando os estudos sobre as diferenças e semelhanças entre pessoas e os grupos sociais que convivem em coletividade, mostrei a obra de Ana Maria Machado, Menina bonita do laço de fita, esta obra trabalha aspectos sociais, econômicos e culturais, bem como o sentido de raça, cor e etnia. Através de uma linguagem familiar e simples, fácil de discutir e extremamente importante para o aprendizado sobre cidadania.

Primeiramente antes de mostrar o livro, fiz um suspense com eles, mostrando somente uma caixa e deixando-os imaginarem o que tem dentro. Alguns já disseram que era um livro, pois sabiam que era o dia da leitura, assim escrevi o título no quadro e todos leram. Então perguntei como seria uma menina bonita com laços de fitas? Depois de muitos dizerem muitas características, pedi para desenharem como seria esta menina.

Para minha surpresa ninguém a desenhou negra e nem gorda. Então questionei se ela seria bonita se fosse negra? Talvez por uma questão de respeito todos disseram sim. E perguntei quem gostaria de ser negra (o), ninguém quis.

Comecei a leitura do livro e todos ficaram apaixonados pela menina negra, pois na história ela é simpática, divertida e todos gostaram muito. Então perguntei:

Professora: A menina da história é bonita mesmo?

Alguns: Sim.

Outros: Ela ficaria melhor sendo branquinha.

Professora: Porque o coelhinho não conseguiu ficar pretinho?

T: Porque ele não nasceu assim.

V: A gente só fica pretinha no sol.

Professora: Alguém sabe o que significa a palavra “raça”?

R: Quer dizer como nós somos.

Professora: Qual é a raça da menina?

Todos: Negra.

Professora: E alguém sabe a sua raça?

Muitos não sabiam, ficaram em dúvida, e alguns que são mais “escurinhos” logo se acharam negros, e isto causou um constrangimento na turma, pois na realidade todos querem ser brancos. Notei que falar a palavra “negra” causa certo desconforto na turma, como se fosse uma palavra imprópria. Apesar de não haver nenhum aluno negro de fato na turma, há dois alunos pardos, que de certa forma, sofrem piadas e agressões verbais. Então continuamos o debate:

Professora: Nós todos somos iguais nesta sala, da mesma raça?

Todos: Não.

Professora: Então vamos falar como nós somos.

E assim cada um olhou para si mesmo e colocou suas características diante a classe, sempre respeitando o seu jeito de ser e questionando o quanto somos todos diferentes, e os motivos particulares que fazem nós sermos diferentes. Falamos dos nossos pais e irmãos, com quem somos parecidos, e igual relata a história, sempre somos parecidos com nossos familiares. Ao definir Identidade e Diferença, Silva assim argumenta:

[...] A identidade e a diferença tem que ser ativamente produzidas. Elas não são criaturas do mundo natural ou de um mundo transcendental, mas do mundo cultural e social. Somos nós que fabricamos, no contexto de relações culturais e sociais. A identidade e a diferença são criações sociais e culturais. (SILVA, 2000, p.76.)

A identidade e a diferença como criações sociais vão delimitando padrões de comportamentos, de modo de ser, bem como a aceitação ou a rejeição daquilo que não está de acordo com a norma. Então, partindo do pressuposto de que as histórias ensinam, são formadoras de subjetividades e apresentam personagens que são modelos a serem ou não seguidos, é

possível constatar seus efeitos e nas falas e nos trabalhos escritos realizados pelos alunos.

As histórias fizeram as crianças refletirem sobre o tema principal “Diferenças e Semelhanças entre pessoas e os grupos sociais que convivem em coletividade”, e assim com muito debate e construções de trabalhos, atingimos o objetivo principal de poder fazer uma relação do tempo e espaço através das transformações e diferenças do nosso corpo e o espaço onde vivemos, através das nossas culturas e etnias, com respeito às diferenças. Como argumenta Nilma Lino Gomes (2003, p.81):

A educação pode desenvolver uma pedagogia corporal que destaque a riqueza da cultura negra inscrita no corpo, nas técnicas corporais, nos estilos de penteados e nas vestimentas, as quais também são transmitidas oralmente. [...] O corpo negro pode ser tomado como símbolo de beleza, e não de inferioridade. Ele pode ser visto como o corpo guerreiro, belo, atuante presente na história do negro da diáspora, e não como o corpo do escravo, servil, doente e acorrentado como lamentavelmente nos é apresentado em muitos manuais didáticos do ensino fundamental. (GOMES, 2003, p.81)

Concordo com a autora no que diz respeito à imagem do negro que é veiculada em muitos manuais didáticos e creio que também pelos mais diversos meios de comunicação, ou seja, a mídia, às vezes, reforça a ideia de que o estereótipo do negro não está dentro dos padrões estéticos desejáveis.

A referida autora ainda salienta:

Uma sociedade racista usa de várias estratégias para discriminar o negro. Alguns aspectos corporais, no contexto do racismo, são tomados pela cultura e recebem um tratamento discriminatório. [...] O cabelo crespo é um dos argumentos para retirar o negro do lugar da beleza. (Idem, p.80)

Ao questionar se alguma aluna gostaria de ter o cabelo igual ao da menina bonita da história, ninguém quis, mas ao questionar novamente se elas achavam bonitos os cabelos, todas disseram que sim, mas que ninguém gostaria de ter igual. O motivo principal é porque todo mundo ri de quem é assim.

O SANDUICHE DA MARICOTA⁴ - UM SIMPLES SANDUICHE COM PÃO, MILHO, QUIRERA E OVO



Figura 3: Capa do livro O sanduíche da Maricota

Tudo começou com o tema “Alimentação e Saúde”, com o objetivo de compreendermos algumas transformações no nosso corpo durante o crescimento e a importância de uma boa alimentação, desenvolvemos a habilidade de coletar dados sobre os alimentos saudáveis, identificamos e diferenciamos frutas, verduras e legumes, investigamos o valor nutritivo dos alimentos, nos conscientizamos sobre os danos causados pelos agrotóxicos nos alimentos.

Fizemos isto através de comparações do corpo e de alguns comportamentos nas diferentes fases de vida, ao nascer, na infância, na juventude, na idade adulta e na velhice, para assim compreendermos estas transformações, valorizando e respeitando as diferenças individuais.

Trabalhamos através de busca e coleta de informações por meio de leituras realizadas pelo professor, interpretação de imagens, entrevistas a familiares, pessoas da comunidade, organizamos e registramos as informações através de desenhos, quadros, listas e pequenos textos, sob a orientação do professor.

Como o projeto já estava sendo desenvolvido na classe em forma de pesquisas, debates e informações, levei para a rodinha da novidade o livro “Sanduíche da Maricota”, mostrei o livro para eles e perguntei: “Quem conhecia o livro? O que será diz a história? Quem será que é a Maricota? Como será a

⁴ Sinopse: A galinha Maricota só queria preparar um simples sanduíche com pão, milho, quirera e ovo. Quando se preparava para se deliciar com o seu lanche, começou a confusão.

alimentação dela?”. E assim fomos levantando hipóteses sobre a história que iria ler em instantes.

Fiz a leitura da história sempre com paradas para analisarmos quais as figuras que estavam chegando à história e sempre fazendo expectativas de qual personagem vira depois e o que comerá. Ao término do livro, fiz as seguintes perguntas às crianças:

Professora: Porque a Maricota fez o sanduíche com estes alimentos?

Todos: Porque ela gostava.

Professora: Porque os animais da história colocavam alimentos diferentes no sanduíche?

T: Porque cada um come o que gosta.

N. Mas eles se metiam na comida da Maricota.

E. Cada um precisa comer coisas saudáveis.

V. Eu às vezes preciso comer coisas que não gosto, mas faz bem para a saúde.

Professora: Como seria o sanduíche que vocês gostam de comer?

Todos falaram sanduíches com alimentos básicos como: queijo, mortadela, manteiga. Nenhum colocou verduras. Assim começamos uma longa conversa sobre os alimentos saudáveis, com perguntas relacionando ao tema estudado e ao livro trabalhado. “Como seria um sanduíche saudável? Quem precisa melhorar a alimentação? Porque devemos comer alimentos saudáveis?” Estas foram algumas perguntas que desencadearam a discussão principal sobre a alimentação.

Ao longo de todo o debate notei que muitos não comiam verduras, frutas e alguns alimentos como: feijão, carne, leite. Muitos comiam alimentos industrializados diariamente como: bolachas, balas, salgadinhos, refrigerantes. Também notei que alguns alunos estavam acima do peso, o que causa um grande desconforto perante aos outros colegas, e que outros estão bem abaixo do peso, precisando de reforços alimentares. Muitos desses, abaixo do peso, passam muitos dias doentes e fazem acompanhamento com a nutricionista do município.

A aluna V. que esta acima do peso diz que come muitos doces durante o dia e no almoço não têm fome, e diz que muitos amigos a chamam de

“baleia” e “gorducha”, e ela fica triste. O aluno A. diz que nunca comeu salada, e que prefere refrigerante. Ele também está acima do peso. Este aluno o A. é um aluno especial e nunca se alimenta na escola, nem água ele toma. Já foi trabalhada esta questão com psicólogos, família, professores, mas o aluno se mantém apático à situação. Ele não interage nas aulas, não brinca no recreio e não come nada. E como ele é gordinho sua situação ficou pior, pois todos riem dele e colocam apelidos.

É possível observar que ser gordo, em nossa cultura, implica ser feio, doente, ter corpo disforme, implica, inclusive, ter apelidos pejorativos. Martins (2006) discute a questão de que outrora a gordura era vista como símbolo de prosperidade, de beleza e de saúde. Hoje a gordura se insere dentro de uma outra norma, e dentro desta ela é fixada no terreno da anormalidade.

Através dos relatos das crianças podemos notar o quanto é cultural a questão da estética, do ser bonito, magro, alto, branco. Seguir um padrão de beleza que se encontra nas novelas, revistas e personagens de histórias. Todos querem ser aceitos na sociedade, que esta mesma cobra padrões desejáveis de beleza.

Para finalizar este projeto fizemos um sanduíche com os alimentos saudáveis que aprendemos ao longo do trabalho, cada aluno trouxe um ingrediente e montamos de acordo com nossos novos saberes. O fato mais interessante foi ver o aluno A. comendo um sanduíche com alface, tomate, milho, ervilha, cenoura, queijo e mortadela. Todos da escola ficaram felizes, pois em quatro anos que ele estuda conosco, foi a primeira vez que ele comeu na mesma, e segundo relatos familiares, foi a primeira vez que ele comeu verduras.

A construção da identidade é resultado de um processo e como enuncia Silva ela está ligada a estruturas discursivas e narrativas:

A identidade não é uma essência; não é um dado ou um fato – seja da natureza, seja da cultura. A identidade não é fixa, estável, coerente, unificada, permanente. A identidade tampouco é homogênea, definitiva, acabada, idêntica, transcendental. Por outro lado, podemos dizer que a identidade é uma construção, um efeito, um processo de produção, uma relação, um ato performativo. A identidade é instável, contraditória, fragmentada, inconsciente, inacabada. A identidade está ligada a estrutura discursivas e

narrativas. A identidade está ligada a sistemas de representação. A identidade tem estreitas conexões com relações de poder. (SILVA, 2000, p.96)

Nessa perspectiva podemos dizer que a identidade está ligada ao mundo em que vivemos, e que igualmente está sempre em transformação. Sofremos influências internas e externas o tempo todo, mudamos, nos adequamos a esta pluralidade, e preenchemos nossos espaços recriando através de novas culturas.

3.2 A literatura infantil: suas origens, seu significado e relevância

Desde a Antiguidade, as fábulas faziam parte do cotidiano dos povos e, a partir deles, se disseminaram pela magia dos contadores. Canções, poesias, lendas, contos, mitos, narrações e outras formas de criação literária eram transmitidos de boca-ouvido, tornando-se parte dos costumes e tradições, de um modo geral, desde a Idade Antiga até os tempos modernos. Os mais idosos passavam aos mais jovens as histórias que haviam aprendido com seus pais e assim, sucessivamente, seguiam contando às gerações seguintes.

O surgimento da escrita ocasionou mudanças fundamentais nesse contexto, pois permitiu o registro dessas criações literárias. Já nos tempos modernos, por volta do século XVII, Charles Perrault, depois seguido pelos Irmãos Grimm, no século XIX, deu início a um trabalho inovador neste campo da literatura, qual seja, o de escrever histórias para crianças. Surgiram assim os primeiros contos e histórias documentadas em livros que foram lidos e relidos e encantam até hoje. Obviamente muitos outros autores deram continuidade à criação de histórias infantis, contribuindo para a formação de um verdadeiro manancial literário. Entre estes autores, no âmbito internacional, além dos Irmãos Grimm e Perrault, pode-se citar Andersen; e no Brasil, Monteiro Lobato, Fanny Abramovich, Ana Maria Machado, Ruth Rocha, Ligia Bojunga, entre outros.

De fato pode-se constatar uma enorme diversidade de autores dedicados à literatura infantil, acrescentando ao elenco de personagens de histórias infantis, inesquecíveis figuras com características bem brasileiras, mostrando, através deles, um pouco do jeito de ser do povo brasileiro. Partindo desse contexto, cabe apresentar a literatura infantil como forma de desenvolvimento dos educandos, uma vez que se sabe que é através dela, que se torna possível desenvolver na formação dos futuros leitores a capacidade de compreender o mundo através dos personagens, diferenciando o real do imaginário.

É possível, também, por meio da literatura infantil, estimular o educando para a busca de novos saberes e utilizar essa compreensão para estabelecer vínculo entre as vivências das crianças e ligá-las aos contos literários.

Na discussão desse assunto, Coelho (2002, p. 27) afirma:

A literatura infantil é, antes de tudo, literatura; ou melhor, é arte: fenômeno de criatividade que representa o mundo, o homem, a vida, através da palavra. Funde os sonhos e a vida prática, o imaginário e o real, os ideais e sua possível/impossível realização.

Compreende-se, contudo, que na literatura infantil, as realizações humanas são contempladas de forma sensível e criativa e, por meio da interação da criança com esses textos literários, não só se torna possível levá-la a compreender o mundo real e concreto, mas também é possível estimulá-la para que, de forma criativa, ela contemple um outro mundo: o da imaginação.

Essa capacidade de imaginar ajuda a criança a responder as suas próprias perguntas e a encontrar respostas para as questões mais inusitadas. Auxilia, também, na formação de conceitos do que é certo e errado, bonito e feio, bom ou mau, pois devido a sua grande capacidade sensitiva, a criança consegue captar as emoções e sensações vividas por cada personagem relatado.

Abramovich (1997, p.43) falando sobre o quanto ler histórias para crianças potencializa o seu desenvolvimento, afirma:

Ao ler uma história a criança também desenvolve todo um potencial crítico. A partir daí ela pode pensar, duvidar, se perguntar, questionar... Pode se sentir inquietada, cutucada, querendo saber mais e melhor ou percebendo que se pode mudar de opinião..

Falando sobre a importância de se desenvolver essas habilidades nas crianças e da importância da educação em contribuir para o desenvolvimento total da pessoa, Delors (1999) chama a atenção para as aprendizagens, essenciais voltadas à organização da vida da criança. Entre essas aprendizagens destaca-se o “aprender a ser”.

Todo o ser humano deve ser preparado especialmente graças à educação que recebe na juventude, para elaborar pensamentos autônomos e críticos e para formular os seus próprios juízos de valores, de modo a poder decidir, por si mesmo, como agir em diferentes circunstâncias da vida. (DELORS, 1999, p. 99)

Aprender a ser, então, além de favorecer o desenvolvimento biopsíquico, social, cultural e afetivo das crianças, contribui na formação e elaboração do pensamento autônomo e crítico, preparando esse ser para entender e vivenciar o maravilhoso universo da literatura. É dentro da literatura, no maravilhoso mundo do faz- de -conta que a criança faz a leitura do seu próprio meio, quando internaliza as ações dos personagens e as retrata na sua vida real, sendo a educação a promotora deste papel essencial a todos os seres humanos: poderem desenvolver a liberdade de pensamento e ação.

Por isso deve-se sempre oferecer, por meio da literatura infantil, bons referenciais a serem seguidos. Uma das formas de auxiliar as crianças a escolherem referências sobre as quais elas podem buscar criar e estabelecer para si próprios uma linha de conduta é através do questionamento, das indagações, das representações e dramatizações das histórias contadas.

Pode-se pensar que com criança muito pequena não é possível fazer esses debates, mas, na verdade, às vezes, até mesmo com um gesto ela consegue expressar ou representar as compreensões feitas. Igualmente, muitas vezes, no diálogo com a criança sobre histórias contadas, fica-se surpreso com a capacidade que ela possui de assimilar as histórias e formar seus conceitos sobre elas.

Cabe também mencionar que as crianças adoram ser elas próprias contadoras de histórias. Basta estimular o diálogo e ver que situações e personagens fascinantes elas são capazes de criar. Do mesmo modo, quando se estimula a criança a contar suas histórias, a criá-las, geralmente ela toma por base suas experiências de vida e, com isso, sente-se valorizada.

Sendo assim, ouvir as histórias que as crianças têm para contar é tão importante quanto contar uma para elas, uma vez que assim ela também pode exercitar sua forma de expressão e não se torna um ser passivo diante dos acontecimentos. Contando histórias, a criança relata os fatos de acordo com sua forma de ver e entender o mundo que a cerca.

Nessa perspectiva, Goulart (2005, p. 103) referindo-se a Piaget afirma:

Piaget realçou isto sim, a interação do ambiente, e quanto mais rica ela for do ponto de vista de trocas verbais e outras formas de comunicação, mais possibilidade o indivíduo vai ter de desenvolver o raciocínio lógico.

Entende-se, então, que é preciso que, além de bom contador de histórias, o professor precisa ser um bom ouvinte, interessado, incentivador, participativo e respeitoso.

Bruner (1997, p. 15) exemplificando como ocorre a socialização da narrativa pela criança afirma:

Tais exemplos mostrarão que as crianças reconhecem muito cedo que o que elas fizeram, ou planejam fazer, será interpretado não apenas pelo ato em si, mas pelo que elas contarão a respeito dele.

Em suas considerações, o autor reforça a ideia de que é importante permitir que a criança se envolva com a narrativa dos contos de forma afetiva.

Igualmente, Bettelheim (1980) argumenta que a literatura infantil, para que se torne significativa para a criança, precisa ser estimulante.

Deve estimular-lhe a imaginação: Ajudá-la a desenvolver seu intelecto e a tornar claras suas emoções; estar harmonizada com suas ansiedades e aspirações; reconhecer plenamente suas dificuldades e, ao mesmo tempo, sugerir situações para os problemas que as perturbam. (p.13)

Diante das considerações feitas pelos autores, convém que se reflita sobre as perspectivas da literatura numa proposta concreta de ensino-aprendizagem.

4 CONCLUSÃO

Ao concluir o presente trabalho, percebeu-se que o uso da literatura no fazer pedagógico deve ser um ato criador e recriador e também crítico.

Entende-se que as diversas formas de aprendizagem podem ser desenvolvidas principalmente através da literatura infantil. Ela, assim como os jogos, pode servir de elo entre a construção do conhecimento e o desenvolvimento de habilidades necessárias para isso. Entende-se, então, que nesse processo, o professor exerce a função de mediador entre as possíveis confluências da literatura infantil e a construção do conhecimento.

Fazer uso da literatura infantil no processo educativo das crianças, como já se referiu, configura-se como um meio de oferecer-lhes uma aprendizagem significativa, prazerosa e lúdica.

O professor, enquanto agente transformador da realidade há de ser criativo e contribuir muito para que seu aluno desperte dentro de si habilidades e competências e também ajudar para que, através dos contos, os livros possam vir a fazer parte da vida da criança e assim auxiliá-la a se tornar uma hábil leitora. O educador que realiza seu trabalho pedagógico numa perspectiva lúdica observa as crianças e faz disso uma ocasião para reelaborar suas hipóteses e definir novas propostas de trabalho, pois contar histórias precisa ser um ato de encantamento, de magia e, acima de tudo, de amor.

A simples oferta de um livro à criança já se constitui em uma ação educativa, pois o interesse despertado por uma atividade literária produz como resposta, o empenho de forças, ação intencional em alguma direção, fato essencial para produzir a construção de esquemas racionais, gradativamente, mais aperfeiçoados.

Em meu trabalho, pude comprovar, através das falas, produções escritas e desenhos das crianças, o quanto elas recriam os sentidos produzidos na cultura, assim como os livros de Literatura Infantil atuam na reprodução e/ou subversão de determinadas representações.

Esta pesquisa me proporcionou um retorno à sala de aula com um olhar mais investigativo, um olhar que difere daquele que tive em outras práticas pedagógicas, um olhar de pesquisadora que está em constante processo de aperfeiçoamento.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil: Gostosuras e bobices**. São Paulo: Scipione, 1997.
- ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo A. **Etnografia da prática escolar**. Campinas: Papirus, 1995.
- ANTUNES, Celso. **Novas maneiras de ensinar, novas formas de aprender**. Porto Alegre : Artmed, 2002.
- BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fada**. Tradução. Arlene Caetano. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.
- BRUNER, Jerone. **Atos de significação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.
- COELHO, Nelly Novaes. **Literatura Infantil: teoria, análise, didática**. São Paulo: Moderna, 2002.
- DELORS, Jaques. **Educação: um tesouro a descobrir**. São Paulo: Cortez, Brasília, DF: MEC: UNESCO, 1999.
- GOMES, Nilma Lino. Cultura negra e educação. **Revista Brasileira de educação: Cultura, Culturas e educação**, São Paulo, n 23, p.75-85, maio/jun./jul./ago, 2003.
- GOULART, Íris Barbosa. **Piaget: Experiências básicas para utilização do professor**. 21 ed. Petrópolis: Vozes, 2005.
- LICHTENSTEIN, Diana. CORSO, Mário. **Fadas no Divã: Psicanálise nas histórias Infantis**. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- PINSENT, Pat. **Children's literature and the politics of equality**. London: David Fulton Publishers, 1997.
- SILVA, Tomaz Tadeu da (org.) **Identidade e diferença: A perspectiva dos Estudos Culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000.
- TEIS, Denize Terezinha. TEIS, Mirtes Aparecida. **A abordagem qualitativa: a leitura no campo de pesquisa**. BOCC, 2006. Disponível em: <<http://www.bocc.uff.br/pag/teis-denize-abordagem-qualitativa.pdf>> Acesso em 09 nov. 2010.
- WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: Silva, Tomaz T. (org.) **Identidade e diferença: A perspectiva dos Estudos Culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000.